

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: DA FORMAÇÃO INICIAL À CONTÍNUA

André Ferreira de Lima - UEPB – andre_lyma@hotmail.com

José Edivam Braz Santana – UEPB – edivamsantana@hotmail.com

José Joelson Pimentel de Almeida – UEPB – jjmat@uepb.edu.br

Gilberto Beserra da Silva – UEPB – gilbertobeserra.filho@bo.com.br

INTRODUÇÃO

Resumo: Este trabalho é fruto de discussões nas disciplinas do Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática na UEPB, ele é de caráter bibliográfico. Ele visa refletir sobre pontos como a Formação Inicial e Contínua de Professores, ambas inseridas no Desenvolvimento Profissional de Professores, especificamente os de Matemática. Inicialmente é apresentado relatos históricos dessas formações, posteriormente, apontamos as contribuições que as Universidades podem oferecer aos professores da Educação Básica, para isso, é preciso um bom relacionamento entre formados de professores e formandos. Em seguida são destacados elementos que caracterizam o Desenvolvimento Profissional de Professores, neste item, inserimos comentários sobre os benefícios sobre os eventos de Formações de Professores, mas também, destacamos que o espaço privilegiado para a melhoria da prática do professor é a própria escola, isto é, quando as formações acontecem no próprio ambiente escolar. Por último, trazemos em cena a Formação de Professores de Matemática, escolhemos iniciar com uma breve discussão sobre o modo como eram os primeiros cursos de Licenciatura em Matemática, isto é, os formadores de professores se preocupavam apenas com a Matemática pura, desprezando aspectos pedagógicos. Ressaltamos a importância da articulação entre as disciplinas pedagógicas e as de conhecimentos específicos. Enfim, discutimos sobre algumas vantagens do trabalho desenvolvido sob a forma de colaboração, pois os professores passam a produzir conhecimentos a partir da reflexão colaborativa, eles discutem textos de teóricos do meio educacional, depois fazem articulação entre teoria e prática, posteriormente produzem ferramentas aplicáveis para a melhoria do ensino e, em uma segunda etapa socializam as experiências vivenciadas no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Formação Inicial de Professores. Formação Continuada de Professores de Matemática. Desenvolvimento Profissional de Professores.

Na década de 1980 muito se discutiu sobre as limitações da formação inicial de professores, esses movimentos buscavam ideais contrários aos do autoritarismo

imposto pelo Golpe Militar de 1964. O Brasil almejava a redemocratização do país. Diante disso, a formação de professores procurou abranger uma maior diversidade de temas, principalmente os relacionados entre educação e sociedade. Os programas de formação continuada se expandiram a partir desse período, eles passaram por diversas denominações, Marin (1995, p.13) nos aponta algumas delas: “reciclagem, treinamento, aperfeiçoamento, capacitação, educação permanente, formação continuada, educação continuada”.

Os documentos que regem a educação brasileira padronizam um conjunto de normas que devem ser seguidas pelos professores, esses muitas vezes não dispõem de conhecimentos necessários para interpretá-las, as consequências disso são desastrosas, pois, as incompreensões das ideologias nacionais são postas na sala de aula; não há espaços de discussão sobre essas regras, e quando acontecem, são para convencer os professores de práticas revolucionárias.

Libâneo (2004, p.2) discute as repercussões da LDB, para ele, esse conjunto de regras “é um produto de interesses de grupos sociais, econômicos políticos que expressam nesse texto legal o que julgam como necessário e bom para a educação.” As ideias propostas fundamentam, fiscalizam, regulamentam, enumeram pontos que devem alcançados para que os jovens exerçam papéis de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres. Antes da LDB percebíamos uma distância entre universidades e professores da educação básica. Após, houve um crescimento de investimentos em cursos de formação continuada com intuito de discutir a complexidade da sala de aula.

RELAÇÃO ENTRE FORMADORES E FORMANDOS

Numa formação de professores é indispensável que formadores possuam uma postura que possibilite escutar as vozes silenciosas dos educadores e futuros professores, reciprocamente, é importante que ambos percebam as inovações metodológicas e as introduza em suas salas de aula. Na relação entre formador e em formação, Nascimento e Brentano (2010) destacam que é importante fazer um acompanhamento das aulas do professor aluno, pois faz estreitar a relação entre aqueles. Os autores apontam a necessidade dos professores das disciplinas pedagógicas das Universidades fazerem acompanhamentos através de observações e intervenções de seus alunos, uma vez que, esses já estão em exercício.

Nos espaços de formação envolvendo pesquisadores da Universidade e professores do Ensino Básico, Fiorentini (2003, p.33) diz “além da voz do professor começar a ser ouvida com mais interesse, o professor passa a ser visto como parceiro, como companheiro de um processo coletivo de construção de conhecimentos”. Essa parceria acontece nas reflexões sobre a prática apresentadas pelos professores da Educação Básica e nas sugestões interpostas pela academia.

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE PROFESSORES

Percebemos que os professores começam uma busca de apoio de seus pares para lidarem com obstáculos encontrados na sala de aula e superarem certos modismos. Entra em cena o desenvolvimento profissional de professores, iniciado na formação inicial e prossegue com os congressos, seminários, formações curtas de professores e as promovidos pela própria escola para atender as necessidades dos professores que nela exercem, além disso, os problemas são apontados por eles.

Para Biaggi (2007), a formação de professores não se resume à aquisição de conhecimentos e técnicas. Essa ideia fez surgir à noção de formação continuada, momento ininterrupto, onde os professores se atualizam em sua área. Assim:

A formação continuada dos professores deve consistir na extensão da formação inicial e não deve ser um “ajeitamento” dos problemas e limitações da formação inicial. Deve propiciar ao professor a formação através de estudos, reflexões e produções constantes na área do saber. Assim, ele ampliará a apropriação do conhecimento que está sendo construído na sua disciplina. (BIAGGI, p.103, 2007)

Defendemos esse posicionamento, pois os cursos de formação inicial de professores não oferecem condições para exercer o magistério de forma que atenda às especificidades dos alunos; no cotidiano da sala de aula percebemos a insuficiência de nossa formação. Estamos constantemente aprendendo com os educandos, mas não estamos acostumados a lidar com situações imprevisíveis.

Os educadores e suas salas de aulas são produtores de conhecimentos, elas são laboratórios adequados para estudos concernentes ao ensino e aprendizagem de Matemática; as reflexões que acontecem em outros espaços são recortes em determinado tempo, de diferentes sujeitos e realidades distintas.

Biaggi (2007) defende os encontros entre os professores, porém, é pouco, é preciso que os diálogos sejam aprofundados, compartilhados com os pares, e o local

mais conveniente para que isso ocorra é o ambiente de trabalho. A participação de formações continuadas deve ser um desejo de todos os envolvidos com a educação. Novoa (1995, p.31) ressalta que: “a busca isolada pela atualização é difícil e, por isso, é aconselhável um vínculo com uma instituição.” O isolamento às vezes inicia na própria escola, as formações continuadas podem romper com essas práticas.

Mizukami (2002, p.80) diz que: “A escola, enquanto local de trabalho, assume importância considerável na promoção do desenvolvimento profissional de seus participantes”. Além disso, quando os encontros acontecem na escola, há possibilidades de se discutir problemas vivenciados pelos sujeitos dela. Porém:

Apesar de a escola ser um lugar ideal para a formação continuada, ela não é o único espaço de formação do professor. O cidadão professor se desenvolve pessoal e profissionalmente, de modo indissociável, por meio de diferentes modalidades de participação na vida social, política, cultural e artística de seu tempo. (BIAGGi, 2007, p.113).

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA

Gomes (2006) relata o surgimento dos cursos de formação de professores no Brasil, ela afirma que eles foram criados em 1934 pela USP, na época quem se interessava por esses cursos devia procurar as Faculdades de Filosofia. Os professores do curso de matemática ministravam aulas que valorizassem a transmissão do conteúdo, sem preocupação por questões pedagógicas. A mudança veio com reforma universitária, pois os cursos de Licenciatura em Matemática passaram a ser ministrados nos Departamentos de Matemática por engenheiros que tiveram formação em academias militares e Escolas Politécnicas, isto é, possuía conhecimento em matemática, porém a formação pedagógica era ausente.

Gomes (2006) afirma a influência do modelo conteudista que nossos professores receberam dos Mestres que obtiveram suas formações na década de 1970. Essas concepções foram tão fortes que ainda encontramos nos cursos de licenciatura formadores produzindo uma matemática descontextualizada. D'Ambrósio (1996), Ponte (1992), Paiva (1997), Pires (2000), Pietropaolo (2002), Smole (2000), e outros, diz que a formação do professor de matemática deve ser encarada como uma articulação entre teoria e prática. É indispensável que o saber específico esteja entrelaçado ao pedagógico, isto é, as ferramentas pedagógicas surgem como enriquecedoras para o conhecimento matemático.

Machado e Biachini (2012) diz que a formação do professor de Matemática deve possibilitar que ele tenha condições de desenvolver em seus alunos a capacidade de pensar e exercer de maneira coerente e crítica e que seja autônomo.

Libâneo (1998) e Fiorentini (2012) nos fazem refletir sobre os benefícios ou não que alguns seminários, palestras, congressos e similares produzem para o desenvolvimento profissional dos professores. Os autores acreditam que a expansão de eventos dessa natureza muitas vezes cumprem requisitos do capitalismo, isto é, o objetivo nem sempre é promover reflexões e instigar a autonomia nos professores que participam, assim, é aconselhável estar atento às procedências desses encontros. Todavia, é preciso participar dessas formações, afirma os estudiosos.

Enfim, Fiorentini (2012) é um defensor da formação de grupos de estudos como um meio de fortalecer a formação continuada de professores de matemática. Em suas pesquisas verificam-se contribuições dessa dinâmica. Os próprios participantes relatam pontos positivos, autonomia, colaboração entre os membros, reflexão sobre a própria prática e mudança na maneira de como ser professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIAGGI, Padre A. Francisco. *Formação Continuada de Professores: Concepções e Práticas*. Revista do Programa de Pós-Graduação da Unimep. V.14, n.1, p.95-115, jun.2007.

FIORENTINI, D. (org.). *Formação de professores de matemática: explorando novos caminhos com outros olhares*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. *Congressos, encontros, seminários de educação: espaços de desenvolvimento profissional ou mercado de entusiasmo?* In: Revista de Educação AEC, V.27, n. 109, Out/Dez 1998. Disponível em: www.aecbrasil.org.br. Acesso em: 18 de jun. de 2014.

MARIN, A. J. *Educação Continuada: Introdução a uma análise de termos e concepções*. In: Cadernos CADES, Educação Continuada, Campinas, Papyrus, n.36, p.13-20, 1995.

MIZUKAMI, M. G. N. Et al. *Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação*. São Carlos: EdFscar, 2002.

NOVOA, A. (Org). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional, 1992.